

OS XXV PRIMEIROS ANOS
DOS BARNABITAS NO BRASIL



1903 - 21 DE AGOSTO - 1928

Os xxv primeiros anos dos Barnabitas no Brasil

21 de agosto de 1903 – 21 de agosto de 1928

Do Original

Os xxv primeiros anos dos Barnabitas no Brasil

21 de agosto de 1903 – 21 de agosto de 1928

BELEM – LIVRARIA CARIOCA 1928

ROMA 8 DE MAIO DE 1928

M.R Padre Provincial

A vós e aos demais pioneiros desta nossa jovem província brasileira, e a todos os que se foram sucessivamente associando à vossa generosa e santa obra, vai, através do Oceano minha saudação exultante e auspiciosa.

Rememorando hoje, após cinco lustros, os dias em que, com arroubo apostólico e fé firme, desembarcastes nestas belas terras de sol inundadas, fecundas de vida e riquezas, quantas peripécias me acorrem à mente, quantas dificuldades superadas, quantos sacrifícios realizados, quanto trabalho silencioso.

Agora, porém, reforçada a primeira obra, estás vendo alargar-se vosso campo de ação e amadurecerem na alegria os frutos da sementeira realizada na aflição. E, o que mais vale, um belo punhado de moços esperançosos agrupar-se em torno de vós, de modo que depressa vos será dado ver alguns subirem ao altar de Deus, primícias de uma longa fileira de Barnabitas brasileiros.

Meu coração dilata-se com o vosso na mais suave esperança, e um voto irrompe espontâneo: “que o quinquagésimo aniversário desta província a encontre ampliada do norte ao sul e florescente de religiosos autênticos seguidores do nosso Guia, o Apóstolo São Paulo, dignos filhos de santo Antônio Maria Zaccaria que tão fielmente espelhou em si, do grande Apóstolo, o amor ardente a Jesus, a inexaurível e prodigiosa atividade pela salvação das almas”.

Abençoo de coração a Vós, aos vossos estudantes, aos noviços, aos Apostólicos, e a vossas obras todas.

Aff.mo in C.J.

GUERINO BENTO FRACCALVIERI, Superior Geral.

Os vinte e cinco anos dos Barnabitas no Brasil

Nos princípios de agosto de 1903, dois grupos Barnabitas deixavam a França. O primeiro, embarcado no Havre, aportava a Belém, aos 21 de agosto sob direção do superior Emilio Richert, que trazia os padres Paulo Lecourieux, Pedro Charvy, Julio Vanbecelaere e o irmão Vito di Cecca.

O segundo, vindo com dom Luiz Raymundo da Silva Brito, desembarcava no Recife, aos 21 de agosto de 1903. Constava do superior Francisco Richard, dos padres Affonso di Giorgio, Norberto Phalempín, Florencio Dubois e do irmão Fernando Warnez.

Separadas por milhares de quilômetros, as expedições comungavam o mesmo ideal: trabalhar pela Igreja no Brasil. Ao clero nacional cada Barnabita poderia dizer, então como Ruth a Noemi; “teu povo será meu povo”.

EM PERNAMBUCO:

Após quinze dias no palácio da Soledade, a comunidade retirou-se no colégio de Olinda, reitorizado por Monsenhor Fabrício Pereira de Araújo.

Decorridos três meses no estudo da língua e no auxílio ao clero, a caravana tomou, aos 30 de novembro de 1903, o rumo do alto sertão; via Penedo, Piranhas, Jatobá e Floresta dos Leões.

Chegou a Cabrobó, aos 15 de novembro e, dias depois, cada sacerdote seguia seus destinos. O padre Phalempin demandava Belém de Cabrobó, o padre di Giorgio - Boa Vista e o padre Richard Salgueiro.

Em Cabrobó permanecia o padre Dubois com o irmão Fernando que foi, pouco depois, chamado pelo Superior.

Passou-se 1904 em equitacões sem fim. O padre Affonso di

Giorgio, pior aquinhado pelas distâncias, percorreu Boa Vista, Petrolina e Cachoeira do Noberto. Nas matrizes reanimou o Apostolado da Oração, e em Petrolina, levantou uma das torres, que duas vezes alúira.

Em Salgueiro o Superior, muito estimado pela população, tratou de instaurar a obra do Catecismo e visitou as capelas filiais. Angariou donativos e materiais para reencetar a construção da igreja, mas o tempo não lhe facilitou a terminação da empresa. Começou também e concluiu um vasto cemitério, todo cercado de muros de alvenaria.

De Cabrobó, vila limítrofe da diocese baiana, o padre Du Bois era chamado a Pambú, Ibó, Chorrochó, Leopoldina, Conceição dos Crioulos, sem prejuízos de viagens a Boa Vista e Petrolina, a pedido do padre di Giorgio.

Esta dispersão, se não tinha as tristezas de Babilônia, tão pouco dava as consolações do Pentecostes. Num território que hoje quase constitui o bispado de Petrolina, a vida peripatética não permitia os exercícios de comunidade, fulcro da Congregação.

Depois da Epifania de 1905, a turma de Pernambuco ia, por Boa Vista, Petrolina, Juazeiro e Alagoinhas, embarcar na Bahia para fundir-se no grupo do Pará.

SEMINÁRIO DE BELÉM

A congregação assinara, com o beneplácito da Santa Sé, um contrato de 25 anos, que lhe entregava a direção do seminário.

Aos 19 de dezembro de 1903, a comunidade, até então hospedada no ginásio do Carmo, entre os Maristas, recebia as chaves do seminário maior, onde o professorado era reforçado com as chegadas sucessivas dos padres Mauricio Lodewyck, Eduardo

Meda, Carlos Rossini e José Lanzi.

De dezembro de 1903 a novembro de 1908, o seminário maior conheceu o tempo das vacas gordas, no material como no espiritual.

Trabalhador até o escrúpulo, pulso forte administrador experimentado, e no mesmo grau, asceta de intensa vida interior, o reitor Emilio Richert implantou um regime de disciplina entre alunos, e de pontualidade entre os devedores da casa.

Graças à generosidade de Dom Francisco do Rego Maia edificou, na praia de Mata-Forte, em Soure, uma casa de férias, em substituição às ruínas da Providência.

Infelizmente, a doença e a morte sombrearam o painel. Prostrados pela febre amarela, hoje extinta na Amazonia, baixaram sucessivamente ao hospital os padres Lecourieux, Vanbecelaere, Charvy, Lanzi e o irmão Vito, que estiveram dois passos a cova.

Menos afortunado, humanamente falando, foi o padre Lodewyck que se extinguiu no dia 24 de agosto de 1905.

Si ploras, pic plora. Choramos ainda, dentro da resignação cristã, a perda deste religioso de escol. Músico, artista, literato, pensador, teólogo, seria ele glória da congregação, pois aos dotes do espírito unia preciosas qualidades do coração e da alma.

Bendita seja a vontade do Senhor! Com a vinda de Dom Santino Maria da Silva Coutinho, entregamos o seminário ao clero secular. O novo arcebispo, embora amigo da nossa Ordem, não concordou com certos pontos do contrato, aceitos pelo antecessor.

Desde então, o Pará viu o seminário vegetar até que, esperançado de abri-lo sobre bases mais firmes, Dom João Ireneu Joffily optou, acertadamente, pela supressão provisória.

NAZARÉ (1905 a 1908)

No ano bom de 1905 o padre Eduardo Meda estreava em Nazaré, que entregaria, semana depois ao vigário Francisco Richard, a sair de Pernambuco.

Sucedíamos a Monsenhor Frederico Benício da Costa, nomeado prelado de Santarém e, mais tarde, bispo de Manaus.

Além do território atual, Nazaré englobava as hodiernas freguesias de São José e São Raimundo, criadas em 1914 e 1918, por Dom Santino.

Bondes poucos e ruins de tração animal; distancias fabulosas; caminhos frequentemente enxarcados; dilúvios quase cotidianos, tudo parecia conjurado para heroificar o serviço paroquial.

Se o anjo contava, um por um, os passos do eremita que ia da cela à fonte, pensamos que estão escriturados, no livro da vida, os vai e vem dos Barnabitas entre a matriz e os subúrbios.

Só em 1907 passaram de 1.400 às comunhões a domicilio! Quantas fadigas não suportaram, pois, os padres Richard, Meda di Giorgio, Balzarotti e, a partir de 1906, o padre Elias Poujol!

Afora a febre amarela, grassava então o paludismo, trazido por terra-plenadores de Alcobaça e Madeira-Mamoré. E os ministros de Deus revezavam-se na cama da febre, derrubados pelo clima ou trabalho.

Aos 10 de maio de 1906, vítima da infecção amarílica, expirava o padre Eduardo Meda, que mal terminara o retiro aos alunos do colégio de Nossa Senhora do Rosário, do saudoso educador Luiz Dejard.

Rosas desabrocharam, diz a lenda, do sangue que o mártir, a correr descalço sobre cacos de vidro, derramava pelo caminho. Na estrada dolorosa que os Barnabitas venceram, é de esperar vies-

sem florescer a fé e a virtude.

No triênio do padre Richard continuaram ou surgiram as escolas paroquiais de Santa Catarina, de São João e da Pedreira.

Quanto ao movimento religioso notaremos que em 1907 houve, só na matriz, para mais de trinta e oito mil comunhões, o que, naquela época, representa formidável surto na frequência dos sacramentos.

Raro seria o dia que não exigisse umas seis horas no confessional. O tempo restante ficava para a catequese, colégio, hospitais, pregações, visitas aos enfermos, e isso sem prejuízo das Capelarias da Mendicidade e, ulteriormente, da Santa Casa.

Paralelamente ao labor espiritual desdobrava-se a ação financeira, mui precisada de organização. Após os cortes dos abusos, que se não operou sem gritos de dor, as rendas da igreja avultaram e, no fim de sua gestação, o vigário tesourara mais de cem contos, destinados a futura Basílica.

Comparado com os déficits passados, tal superavit constituía quase que um milagre. Deste fato brota uma verdade incontestável: Nazaré só rende, para suas obras pias e construções, quando depende de párocos que tenham a bossa administrativa.

BRAGANÇA (1904 a 1906)

De fevereiro de 1904 a maio de 1906, os Barnabitas geriram Bragança, Ourém e Vizeu.

Labutaram: como vigários o padre Lecourieux até outubro de 1905, e o padre Rossini até 1906; como coadjutores e o padre Meda que saiu no fim de 1904, para regressar no ano seguinte, e o padre Dubois.

O teor da vida não era complicado; enquanto um religioso

ficava em Bragança a fim de manter os catecismos, o outro perlustrava Ourém e Vizeu.

Das margens do Gurupy encarregou-se, com ótimo êxito, o padre Lecourieux que, em 1905, viajou de canoa até São José. Por sua vez o Alto Guamá teve as visitas dos padres Meda e Dubois, sendo que este último desobrigou, antes da Assunção do mesmo ano as aldeias também de São José e São Pedro.

A falar a verdade, a religião, outrora incentivada por monsenhor Andrade Muniz, decaíra sensivelmente com o cônego Miguel, paralisado pelos oitenta anos de idade.

Entretanto, as idas ao interior, os catecismos e as pregações na matriz, a reconstituição do apostolado e de outras confrarias avantajaram a difusão da boa semente, com pesar dos inimigos do pai de família.

Em outubro de 1905, o padre Carlos Rossini assumiu as funções de vigário, mas, em fins de abril de 1906, como já relatamos, a necessidade de centralizar os obreiros, fez com que os superiores renunciassem a Bragança, Ourém e Vizeu.

A obediência exigia que fosse abandonado o campo quando, depois de ter extirpado as ervas daninhas da indiferença, os semeadores estavam a ver a colheita surgir, no terreno penosamente amanhado.

CURATO DE SANTA CRUZ E GUARATIBA (1906 a 1910)

Regressado da Europa na comitiva de Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, que receberá o chapéu cardinalício, o padre Dubois hospedou-se de abril a junho, no palácio da Conceição, então habitado por sua Eminência.

No fim de junho o confrade recebia, do padre João Pio dos

Santos, a investidura para Santa Cruz e Guaratiba, a fim de transmiti-la ao vigário Carlos Rossini, esperado do Pará.

De 1906 a 1910, prestaram serviços nessa região os padres Leopoldo Gerosa, Pedro Charvy e Alexandre Carozzi, além do irmão Vito di Cecca.

No curato de Santa Cruz, abrimos um externato, único meio de congregar meninos e moços, num ambiente simpático, porém menos praticante em religião.

O espírito do aluno, disse Victor Duruy, é livro em que os mestres escrevem palavras, que não mais se apagarão. Assim sendo, pensamos que nossa estadia não foi de tudo infrutuosa, nos confins do Distrito Federal.

Sem descuidar dos interesses da alma e do intelecto, os Barnabitas não esqueceram o lado material. Melhoraram a matriz de Guaratiba e a capela da Pedra. No Curato, com quatro contos e tanta despesa, substituíram a pirâmide da torre por outra de cimento armado.

Não era sem tempo! A cruz de duzentos quilos inclinava cada vez mais, e sua queda seria uma catástrofe, além de uma vergonha.

Verdadeiro posto de sacrifício foi Guaratiba, terra de gente boa, mas disseminada, sem uma povoação, tirante a Pedra. Naquele tempo não havia bondes, e as viagens faziam-se a cavalo ou a pé.

Na matriz isolada, como nas succursais, nunca a missa começava antes das onze horas, porque de outra forma não chegariam as famílias que, morando a quatro e cinco léguas, não raro vinham por caminhos alcantilados.

Três ou quatro vezes por semana, incluso o domingo, o celebrante quebrava o jejuam às duas da tarde, após meia dúzia de

horas a cavalo.

Em julho de 1908, os reverendos Rossini, Carozzi e Gerosa, de saída para Valença, deixaram em Santa Cruz o padre Charvy, e em Guaratiba o padre Dubois.

Vingou então o externato no Rio, fundação essa que exigindo convergências de forças na capital, deu lugar a que Santa Cruz fosse entregue ao Arcebispado.

Assim mesmo, depois da despedida dos colegas, o padre Leopoldo Gerosa permaneceu no Curato até o dia 31 de dezembro de 1910, para não deixar sem pastor as ovelhas.

VALENÇA (1908)

Efêmera foi esta fundação que melhor mereceria o nome de tentamen. Diante de enseadas desconhecidas o capitão do navio não manda lançar âncora, sem primeiro ordenar estudos e sondagens.

As experiências indicam, portanto, prudência e não volubidade.

O fato é que os padres Rossini, Carozzi e Gerosa começaram, a convite dos maioraes da localidade, um colégio em Valença.

Manda a franqueza se diga que, instalado em prédio confortável, o estabelecimento progrediu celeremente, a ponto de contar, em três meses, quarenta alunos.

Dom Agostinho Benassi, feliz por ter os Barnabitas na diocese, lançara a benção ao colégio, em julho de 1908. Hoje em dia, o educandário seria de fama, se Deus não dispusesse quando os homens propõem.

Aos quinze de novembro de 1908, o colégio de São Carlos

cerrava para sempre as portas, vítima inocente do Externato do Rio, que monopolizava os lentes.

Em lógica, a conclusão está sempre do lado mais fraco. Na vida dos colégios, os pequenos são comidos pelos grandes.

Os lidadores de Valença conservam ainda saudade da linda cidade, hoje sede de bispado.

E realmente, o povo acolhedor, o clima ameno e um mistério interessante pugnavam pela existência de uma comunidade, em tão poética paragem.

Deus assim não quis! Adorados sejam seus desígnios.

CAXIAS NO MARANHÃO (1908 a 1927)

Os dezoito anos de Caxias representam longa etapa dos Barnabitas no Brasil.

Ao rogo de Dom Francisco de Paula e Silva, de santa memória, os superiores destacaram para a princesa dos sertões, pátria de Gonçalves Dias e Coelho Neto, o padre Richard e os coadjutores Rossini e Lanzi, o primeiro dos quais foi substituído, em abril de 1910 pelo padre Carenzi.

Em 1913, bastante enfermo, o superior passou o cargo ao reverendo padre Gerosa que ali apostolou quase três lustros.

Para evitar repetições, daremos aqui, de uma assentada; a lista dos que, em prazo mais ou menos longo, mourejaram em Caxias.

Foram os coadjutores Lecourieux, Luiz Marinucci, Alexandre Carozzi e Pedro Decuypère, além dos já citados.

A cidade possuía três matrizes: Nossa Senhora da Conceição, São Benedito e Tresidella. Para completar o peso, já de per si

bastante, vinham as freguesias se São José dos Matões e de Picos, mas esta nos coube apenas um ano. A extensão da vinha era realmente desanimadora.

Na sede vivíamos em lufa-lufas de catecismos, chamados de doentes, sessões nos confessionários, direções de irmandades e cuidados administrativos.

Fora, havia desobrigas de dois, três ou quatro meses, de sítio em sítio, um dia aqui, outro ali, três acolá. Noite a dentro, as confissões se prolongavam, para de manhã cedo recomeçarem, até a missa principiar.

Findo o Santo Sacrifício com a respectiva homilia no Evangelho e a celebração dos casamentos, mal o padre despia os paramentos, já se apinhavam, na estreita sala, crianças, pais e padrinhos, entre a choradeira dos pequenitos, e o taramelar dos grandalhões.

Gente boa, honesta e prestativa a do Sertão, mas, pelas alminhas, não lhe peçam silêncio nas desobrigas que tal exigência não lhe chega ao nível da compreensão, sobretudo na classe feminina!

E apesar disso, ao findar da visita num pouso, o sacerdote, posto que esgotado, afasta-se com lagrimas nos olhos, deste povo excelente, em cuja humildade tantas almas privilegiadas se ocultam!

Em Caxias, dois Barnabitas dormiram o derradeiro sono.

O padre Alexandre Carozzi, de compleição ultra robusta, cedeu às investidas do typho e, no dia 31 de dezembro de 1914, alçou-se para eternidade.

Como o ancião de Esparta, o confrade podia dizer: “Meu Deus, bem longe da minha terra foi-me preparada a cama fúnebre,

mas onde encontrar morte mais honrosa do que neste campo de lutas?”

Aos 5 de dezembro de 1918, era chamado por sua vez, o padre Luiz Marinucci, na flor da idade. “O ano ficou sem primavera”, dizia Pericles, chorando as mortes dos jovens guerreiros.

Diante dos nossos finados, preferíamos a exclamação de uma santa religiosa: “Quanto é suave a morte, que nos devolve ao Céu, onde as almas não envelhecem!”

Finalmente, como Caxias se tornasse um sorvedouro de saúdes, preciosas na atual escassez do clero, resolvemos levantar a tenda e aos 20 de maio de 1927, o padre Leopoldo Gerosa, com a morte no coração deixava os queridos paroquianos, que o veneram pelo zelo e virtudes.

Quando a carga é demais, dizia Vieira, o burro caí, o canhão arrebenta e o navio vai ao fundo. Podia ter acrescentado: e os vigários deixam a freguesia.

EXTERNATO SANTO ANTÔNIO M. ZACCARIA (1909...)

Nossa congregação teve sempre pendor para o ensino, sobre carreira aberta aos que o feito intelectual, ou moral, impreviu as responsabilidades do ministério.

Em janeiro de 1909, no 107 da Senador Vergueiro, em prédio hoje transformado, um punhado de destemidos, apoiado pelo visitador Luiz Zoia, lançava os alicerces do Externato Santo Antônio Maria Zaccaria. Eram o reitor Carozzi e os padres Charvy, Vanbecelaere e Gerosa, auxiliados por seculares.

Em breve tempo, como a crença ao crescer exige roupas mais amplas, o Instituto teve que procurar casa maior, que foi adquirida em 1910, no 113 na rua do Catete, para onde se efetuou a

mudança, um ano mais tarde.

Desde então, o estabelecimento andou num crescendo, até desbarcar Nazaré, e tornar-se o centro da vida barnabítica, após a instalação do pró-provincial.

O grão de mostarda, confiado a terra fértil, germinará, tornando-se frondosa árvore, em cuja ramaria se abrigavam aves do céu, que são almas.

Foram sucessivamente reitores, os padres:

- Carozzi: 1909 – 1912;
- Lecourieux: 1912 – 1914;
- Richard: 1914 – 1916;
- Balzarotti: 1916 – 1919;
- Richert: 1919 – 1921;
- Balzarotti: 1921 – 1923;
- Richard: 1923 – 1927;
- Agazzi: “atualmente em exercício”.

Quanto aos professores, além dos fundadores já mencionados, citaremos padres Mauricio Girardin, Jorge Bilmann, Rossini, di Giorgio, Gerosa, João Baptista Riva, João Baptista Bisio, Victor Dessart, José Ceroni, Pedro Decuypère e Molteni, operários da primeira ou da última hora, porém todos beneméritos do Instituto.

Até 1920, as aulas funcionaram no prédio quase colonial, muito precisado de serviços da picareta. Logo que as finanças o permitiram, subiu em três vezes o edifício atual, alto e vasto, sem grandes estilos nos fundos, mas elegante na fachada.

Os andares, térreo e médio, são dos alunos e lentes. No andar superior mora a comunidade. Finalmente, na entrada do rez do chão estão instalados, com um adro no meio, de um lado a portaria, e do outro o locutório.

À esquerda de quem chega pela alameda das palmeiras re-

ais, amplo salão serve de Capela provisória até que surja o santuário projetado, cuja primeira pedra será talvez colocada, antes de que estas linhas saiam da estampa.

Mesmo absorvidos no ensino, os professores não menoscavam o múnus sacerdotal. A luz da instrução une o calor do apóstolado *Ardere parum, lucere vanum, ardere et lucere perfectum*, dizia são Bernardo. Brilhar é vão, arder é mesquinho, mas arder e brilhar formam a perfeição.

Com horários inalterados, ofícios frequentes, cerimônias mui piedosas, confessionários como sempre abertos e numerosas confrarias, a capela do externato é o foco da vida espiritual, onde o padre Richert, com seus dotes de direção, acendeu chamas que se não apagarão.

Fora de casa, desde os albores do externato, aceitávamos, em asilos ou colégios, o lugar de capelães, que nos dava ensejo de praticar a pregação, a catequese e a direção, no meio das crianças ou jovens. Entre tais capelarias citaremos, ao correr da pena, as missionárias do Sagrado Coração, as servas do Santíssimo Sacramento, o Patrono dos Menores, as Damas de Sião, o *Sacré Coeur* e as Angélicas de São Paulo.

Em 19 anos de existência, o colégio teve de deplorar, como Belém e Caxias, duas perdas sensíveis.

Aos 27 de fevereiro de 1918, despedia-se da terra, com 51 anos de idade o padre Mauricio Girardin, professor de química, física e história natural, desde 1911.

Ex aluno de Bralyn, consagra-se às ciências e trouxera ao Rio, doando-os ao externato, um gabinete de física, um laboratório de química e coleções de histórias natural.

Juvenil de coração, ingenuamente bondoso, original nos

modos, o padre Mauricio Girardin achara um amigo em cada um dos alunos que lhe seguiam os cursos em francês.

Do padre Emilio Richert, que se finou aos 30 de novembro de 1927, é supérfluo falar. Sua memória perdura em quantos com ele privaram. Fez parte de uma das turmas que iniciaram a vida barnabítica no Brasil, e seu nome aparece, aliás, a cada instante nestas páginas.

“Le vrai tombeau dos morts e’est le coeur des vivants”.

Desmentiremos o poeta e mostraremos, pela gratidão, que nossos corações não são covas de amigos e que nosso esquecimento não pesará, como pedra, sobre o túmulo dos mestres.

O Externato avivará a memória dos benfeitores, que lhe servirá de santelmo.

RIO GRANDE DO SUL (1920)

A ida aos pampas foi apenas viagem de estudos.

De há muito afagávamos a ideia de uma escola Apostólica, para nosso recrutamento no Brasil, a exemplo de quase todas as congregações.

Hoje em dia, a Europa recusa encher os claros, que se abrem no clero regular. A utilização da prata de casa é, pois, de urgente necessidade.

Ora, tanto a prata como o ouro não escasseiam na terra de Santa Cruz. O tudo é descobrir e explorar os filões, na ordem material e espiritual. Aí do país sem aspirantes ao sacerdócio! Seria realmente abominável ao Senhor. No Brasil não falta, repito, o diamante, das vocações. À mingua é apenas de garimpeiros ou caçadores de esmeraldas, que existem, mas em número insuficiente.

Em fevereiro de 1920, o padre Luiz Balzarotti foi a Santa Maria da Bocca do Monte. Recebeu de Dom Miguel Valverde a freguesia de Paiol Grande, onde o elemento nacional se rodeia de alemães, polacos, italianos e russos que, aliás, são boa gente.

Em maio, o padre Richert foi ter com o colega, e ambos atenderam, duramente quatro meses, aos interesses espirituais deste povo que, em linguística, evocava as variedades de Babel.

Da escola apostólica não foi mais questão, desde que o bispo exigiu, para sua diocese, metade dos clérigos porventura ordenados.

Quem cria filho alheio, bota brasas no seio. Ao depois, formado para vida de congregação, é curial que o religioso não pode nem deve, a um toque de vara de condão, transformar-se em sacerdote secular.

Em tais assuntos não valem decretos!

Enfim, bastante surrados por quatro meses de missões, os dois bons pastores regressaram ao redil, em setembro de 1920.

EM NAZARÉ: Da primeira pedra á cumieira (1908 – 1916)

Aos 3 de novembro de 1908, quando o padre Richert foi empossado em Nazaré, a comunidade constava dos padres di Giorgio, Lecourieux, Balzarotti e Poujol, aos quais se agregou em outubro de 1909, o padre Dubois.

Não é possível seguirmos as mudanças. Bastará apontarmos a saída, em diversas épocas, dos auxiliares di Giorgio, Lecourieux e Balzarotti, que foram substituídos, também em datas varias, pelos confrades Vanbecelaere, Lanzi, Carozzi e, muito mais tarde, pelos padres Luiz Marinucci e Ludovico Chadefaux.

Por sua vez os reverendos Vanbecelare, Carozzi e Marinucci

seguiram, o primeiro para o Rio de Janeiro e os dois outros para Caxias. Finalmente, ao reventar da guerra, regressaram à França os padres Poujol, Chadefaux e Dubois, este somente em 1915.

Dos três mobilizados, o segundo morreu aos 28 de junho de 1918, de uma granada, em Fosse-en-Haut, a dezoito quilômetros a oeste de Soissons.

No ministério paroquial, o novo vigário não teve iniciativas, que o salientassem do antecessor. A bem dizer, sua atividade gravitou em redor da construção da Basílica, como a terra em torno do sol. Entretanto é bom notar que de 24.575 em 1905 as comunhões atingiram 96.391 em 1916.

Aos 24 de outubro de 1909 foi colocada a primeira pedra, e em setembro de 1914 a cumieira. Em menos de cinco anos a igreja estava no casco, para usarmos a expressão vulgar.

Cripta, colunas, paredes, tesouras, vigamentos e cumieira clamavam o esforço do beremerito que, em novembro de 1915, gemia na Beneficente Portuguesa, vitima de infecção intestinal, sobre a qual se enxertou o paludismo maligno.

Longe de gozar sua obra triunfal o enfermo, a conselho do médico, mudou de ares para o Rio, donde voltou aos dois de junho, seguindo pouco depois, rumo a Roma, como sócio do capítulo Geral.

Regressando da Europa, não demorou em Belém, cujo clima lhe era desfavorável. Aos 13 de janeiro de 1917, deixando a paróquia e o Pará, fixava residência na capital federal.

Da monumental basílica pensam alguns que tudo é fácil em Nazaré, onde choveria dinheiro e arroz.

Não é tanto assim! Dois terços das esmolas proveem de festas, conferências, espetáculos, concertos, quermesses e subscrip-

ções. Pedinte pelo amor de Nossa Senhora, o padre Emilio Richert recorreu aos próprios amigos, a famílias do seu conhecimento, e até a dirigidas suas de França!

Pela intimidade que tinha com o Senador Índio do Brasil, obteve os dois vitrais da fachada, que encomendou em Paris, quando por lá passou em 1916.

Na verdade, sem a porfia dos párocos a basílica mal sairia dos alicerces, neste ano de graça de 1928. Quem quer vai, quem não quer manda!

Em Nazaré, este prolóquio também se verifica, sem contar que, apesar da fama em contrário, os renditos paroquiais seriam simplesmente mesquinhos, se repartidos entre os cinco padres da comunidade.

JACAREPAGUÁ

A escola Apostólica dera lugar a duas tentativas frustradas: a primeira no Rio Grande do Sul onde malograram os padres Balzarotti e Richard, e a segunda em São Paulo, onde não foi mais feliz o padre Emílio Richert.

Custasse quanto custasse, era inadiável a fundação, sob pena de periclitarem obras, que tanto suor haviam custado.

A divina providência destina a freguesia de Nossa Senhora do Loreto para Sede do nosso juvenato.

Desde 1918 o padre Richert congregara, deante do externa-to da rua do Catete, alguns apostólicos, quando o senhor Cardeal Dom Joaquim Arcoverde de A. Cavalcante, teve, em 1920, a lembrança de colocar os Barnabitas em Jacarepaguá.

Para lá a escola transportou os penates, sob direção do padre Jorge Billmann, que se mostrou, ali como no vice-reitorado,

the right man in the right place.

Da freguesia é vigário o padre Paulo Lecourieux que, sob a neve da cabeça, oculta ardentes preocupações de zelo.

Em 1923, o pró-provincial, sem medir sacrifícios, mandou levantar, atrás da sacristia paroquial, um prédio de dois andares acima do rez do chão. No novo edifício cabe folgadoamente, o dormitório dos apostólicos, o noviciado, os aposentos dos padres, algumas aulas e os refeitórios.

Da igreja aproveitamos, após algumas adaptações, os consistórios para salões de estudos e o coro conventual.

Coadjuvado pelos padres Coroli e Carenzi, o vigário tanto trabalhou que a freguesia nova Fênix, renasceu das cinzas do indiferentismo, a cujo favor o protestantismo medrara assustadoramente, como cardo em terrenos incultos.

Sob a direção do superior Jorge Billmann, vinte ou trinta apostólicos se encarregaram dos cantos na matriz ou nas capelas e catequisam vários pontos da freguesia.

Em tão diminuto prazo de existência, a escola Apostólica, fortemente amparada pelos donativos do padre Richert, mandou a Roma cinco estudantes, dois dos quais não demorarão em receber as ordens sacras e em regressar a terra natal.

A escola Apostólica de Jacarepaguá é a menina dos olhos dos Barnabitas no Brasil.

Aprovada em 1922 pelo capítulo geral a obra de Jacarepaguá permitirá daqui a uns anos, aos Barnabitas europeus de passarem gostosamente, a vara aos confrades nacionais. Se não temos ainda padres brasileiros na congregação, contamos um irmão leigo e dois aspirantes, primícias da ordem entre os filhos da terra de Santa Cruz.

EM NAZARÉ: DA CUMEIRA AOS MOSAICOS (1917 “até hoje”)

O padre Francisco Richard, que fora antecessor do padre Richert, tornou a suceder-lhe, de janeiro de 1917 a abril de 1918.

Naquela época o canhão acabava de convulsionar o mundo, que se debatia entre mil misérias, com repercussões no Brasil.

Por sua vez, a crise amazônica, junto à escassez de coadjuvantes, não permitirá, nesta fase, empreendimentos de monta.

Contudo, então curto paroquiato, o novo pastor não esmoreceu. Lenta, mas seguramente prosseguiu nas edificações, com as poucas entradas que pingavam, aos conta-gotas.

Enfim, Malherbe vint...

Em abril de 1918, a freguesia viu as mãos do padre Affonso di Giorgio, pequeno pela estatura, mas gigantes nas iniciativas. Recebeu a igreja completamente nua.

Como Pompeu se gabava de fazer surgir legiões batendo com o pé no chão, o novo vigário fez sair dinheiro, batendo nas portas belemenses. E convém frisar, outra vez, que o grosso dos donativos resultou de peditórios, e não de ofertas.

Saber esmolar foi a característica do atual dirigente de Nazaré, que nisto sobrepujou aos predecessores.

De lar em lar, o mendigo de Nossa Senhora arrancou aqui um vitral, ali um medalhão, adiante um altar, além de uma estátua. Das matas mais fechadas saía sempre um coelho, diante do temível caçador.

O paladino da Virgem é dotado de real gênio inventivo, para idear e realizar certames originais, em prol do erário da basílica.

Mencionaremos, de relance, a barraca de Nossa Senhora,

passeios fluviais, o jardim japonês, cascata Nazarena, o dia da rosa, matches de futebol, a troca de retratinhos, a cadeia de ouro e, cada ano que Deus dá, uma visita ao comércio.

No palacete estadual, na intendência, na alfândega, nos bancos, nos escritórios e nos armazéns a aparição do Affonso, como aqui dizem, é fato diário, que provoca em alguns o sorriso da benevolência, em outros a careta do pavor.

À direção atual devemos: no campo material a colocação das pilastras, os estuques, os mármores, os vitrais, os medalhões, meia dúzia de altares, os mosaicos, a pia batismal, o pavimento, o patamar, e, finalmente, o salão paroquial... No campo espiritual, o título de Basílica menor, o privilégio do ofício e da missa própria, o altar privilegiado, as indulgências da festa, etc...

Foi “o Afonso” que levantou, de pedra, cal e tijolos, os institutos escolares de São Miguel, da Pedreira e da Boa Vista, até então muito mal abarracados.

A liga católica Jesus, Maria e José, teve como fundador e conserva como propulsor o admirável sacerdote.

Finalmente, se bem que iniciada em 1913, na regência do padre Richert, a Voz de Nossa Senhora de Nazaré deve bastante ao tino administrativo do atual vigário.

OS BARNABITAS E A IMPRENSA

Em Belém do Pará, o nosso confrade Florêncio Dubois batalha, desde 1910, em prol da igreja, na imprensa diária.

Poucos são os jornais do Extremo Norte em que não tenha colaborado, assiduamente ou de passagem, com polêmicas contra anticlericais do protestantismo, espiritismo e outras seitas.

Afirmou-se mais sua ação na “Palavra”, biebdomadário ca-

tólico, e na “Folha do Norte”, grande cotidiano da Amazônia.

A revista mensal “A voz de Nazaré”, continua também a merecer do nosso colega, os maiores carinhos.

O padre Florêncio Dubois publicou O Biblismo – os Contos Singelos – Os reptos e contra reptos – As aventuras de benquisto.

ANGÉLICAS DE SÃO PAULO (1922)

Aos cinco de maio de 1922, chegaram ao Rio de Janeiro, sob a direção da Madre Cecília, as Angélicas de São Paulo, filhas espirituais de Santo Antônio Maria Zaccaria.

Justo era que trabalhassem no Brasil, lado a lado, as duas famílias religiosas do santo.

Desde fevereiro de 1920, duas moças brasileiras haviam seguido para a Itália, a fim de ingressar no noviciado de Arienzo. Eram elas Dulce Monard da Rocha, carioca e Daria Lobato, paraense.

Soror Daria Lobato, madura para o céu, foi colhida por Deus, no fervor da vida claustral. Dulce Monard, hoje irmã Flavia, é superiora do colégio São Paulo, na praia de Ipanema.

Golpe doloroso foi, aos 31 de agosto de 1923, a morte da madre Cecília, mimo de bondade, meiguice e piedade. Natural de Arienzo, escolhera o Brasil como pátria de adoção. Vitimou-a um tumor maligno, aos 38 anos de idade.

Tantos desgostos velaram as Angélicas vocações, que brotam do Norte ao Sul do Brasil. Possuem já duas casas: o colégio da praia de Ipanema e o de Teresópolis.

As filhas de santo Antônio M. devem imensamente ao padre Richert que, no último quartel da existência, lhes consagrou os

restos de uma voz que se extinguía e de um ardor que mais e mais se abrasava, para imitarmos uma frase de Bossuet.

NOSSOS MORTOS

Em cada comemoração festiva, em cada aniversário luto-oso ou feliz, em cada visita oficial, os países outrora beligerantes inserem, parte essencial do programa, uma visita ao soldado desconhecido, representante dos que tombaram na guerra.

Nesta jubilosa data, os Barnabitas não se esquecem dos confrades caídos no campo do apostolado que, mais do que a zona bélica, merece o nome de campo de honra.

Nas bodas de prata de nossa vinda ao Brasil, queremos levantar o quadro de honra dos nossos mortos, para que seus nomes sirvam de incentivos aos vindouros.

Oremos, pois, pelas almas de:

- Mauricio Lodewyck, belga, falecido aos 24 de agosto de 1905, em Belém do Pará;
- Eduardo Meda, italiano, falecido aos 12 de maio de 1906, em Belém do Pará;
- Alexandre Carozzi, italiano, falecido aos 31 de dezembro de 1914, em Caxias no Maranhão;
- Mauricio Girardin, francês, falecido aos 27 de fevereiro de 1918, no Rio de Janeiro;
- Ludovico Chadefaux, francês, morto aos 28 de julho de 1918, em Fosse-em-Haut, perto de Soissons;
- Luiz Marinucci, italiano, falecido aos 05 de dezembro de 1918, em Caxias no Maranhão;
- Emílio Richert, francês, falecido aos 30 de novembro de 1927,

no Rio de Janeiro.

LISTA CRONOLOGICA DA CHEGADA DOS BARNABITAS AO BRASIL

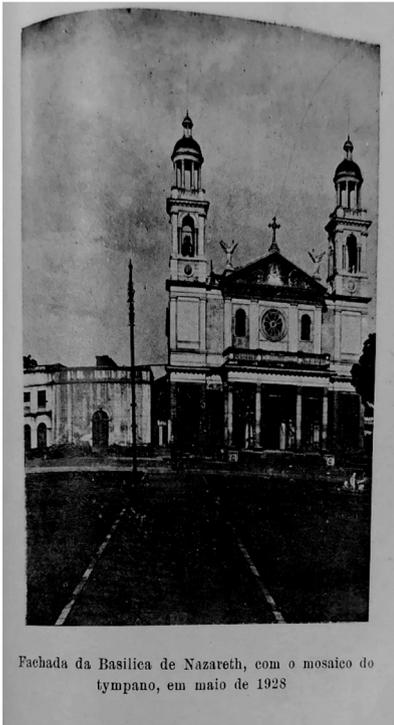
Chegaram aos:

- 21 de agosto de 1903, em Belém do Pará, Emílio Richert, Paulo Lecourieux, Pedro Charvy, Júlio Vanbecelaere e irmão Vito di Cecca;
- 21 de agosto de 1903, no Recife, Francisco Richard, Affonso di Giorgio, Noberto Phalempin, Florêncio Dubois e irmão Fernando Warnez;
- 21 de dezembro de 1903, em Belém do Pará Eduardo Meda;
- 04 de maio de 1904, em Belém do Pará, Mauricio Lodewyck;
- 09 de setembro de 1905, em Belém do Pará, Carlos Rossini, Luiz Balzarotti e José Lanzi;
- 25 de outubro de 1906, em Santa Cruz, Leopoldo Gerosa;
- 02 de outubro de 1906, em Belém do Pará, Elías Pujol;
- 01 de outubro de 1909, no Rio de Janeiro, Roque Carenzi – e no fim de 1909, no Rio de Janeiro, Alexandre Carozzi e Jorge Billmann;
- 29 de março de 1913, em Belém do Pará, Victor Dessart;
- 29 de agosto de 1913, em Belém do Pará, Luiz Marinucci;
- 12 de novembro de 1913, em Belém do Pará, Ludovico Chade-faux;
- 11 de dezembro de 1919 em Belém do Pará, Savino Agazzi, João Baptista Riva, o irmão Pedro Binotti;
- 18 de fevereiro de 1920, em Belém do Pará, José Ceroni;
- 07 de janeiro de 1920, no Rio de Janeiro, João Baptista Bisio;
- 09 de outubro de 1922, no Rio de Janeiro, Pedro Decuypère;
- 29 de novembro de 1925, no Rio de Janeiro, Molteni, Coroli.

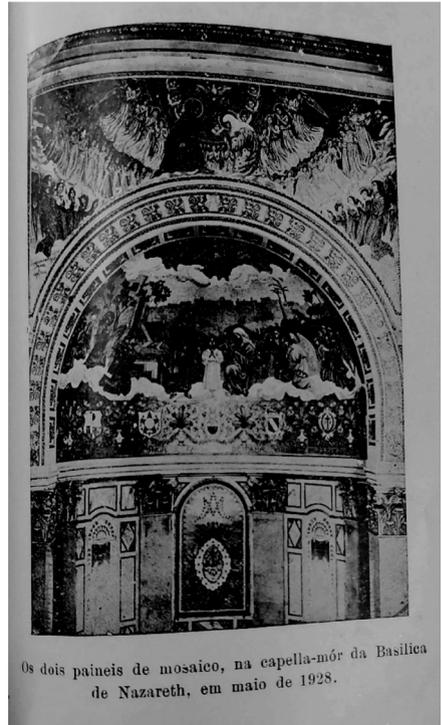
Muito antes de nós, nos princípios de junho de 1741, alguns Barnabitas haviam aportado na bahia do Rio de Janeiro.

Era uma expedição de missionários que, a bordo do veleiro francês Jupiter, demandavam a Ásia, pelo cabo da Boa-Esperança. O vento causou desvios no roteiro. E assim tocaram no Brasil dom Gallizia, vigário apostólico da Birmânia e bispo de Elisma; os padres Nerini, Mondelli e del Cante e um irmão leigo, todos da Ordem dos Barnabitas, a quem a Santa Sé encarregara de evangelizar os reinos de Hava e Pegú, então em poder da Birmânia.

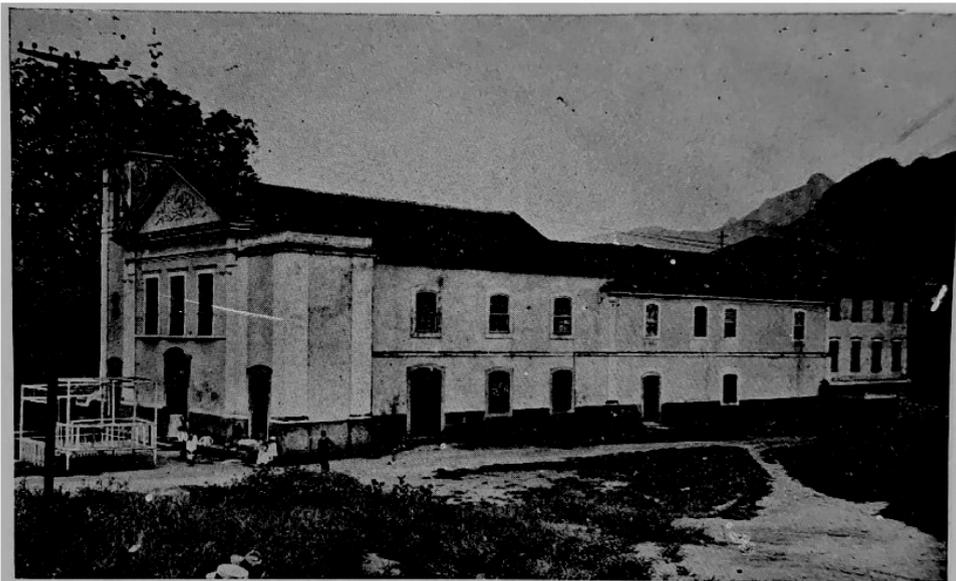
Conhecido nosso de longa data, o Brasil será, querendo Deus, fiel amigo dos Barnabitas, que têm nele a pátria de eleição.



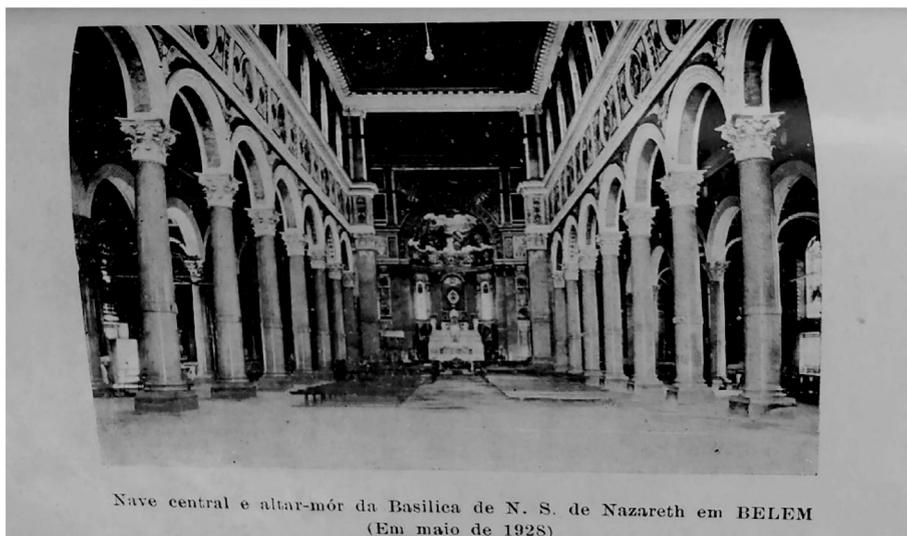
Fachada da Basílica de Nazareth, com o mosaico do tympano, em maio de 1928



Os dois painéis de mosaico, na capela-mór da Basílica de Nazareth, em maio de 1928.



Matriz de Jacarépaguá. No fundo, á direita, parte do Juvenato.



Nave central e altar-mór da Basilica de N. S. de Nazareth em BELEM
(Em maio de 1928)



O R. P. Mauricio Girardin, com seus alunos



Juvenato de Jacarépaguá — no fim de 1927



Padres e Novícios em Jacarépaguá — No centro o R. P. Provincial -- Em 1927



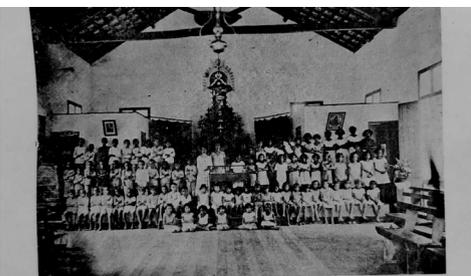
Comunidade do Externato do Rio em 1912, na visita do M. R. P. Geral Vigorelli



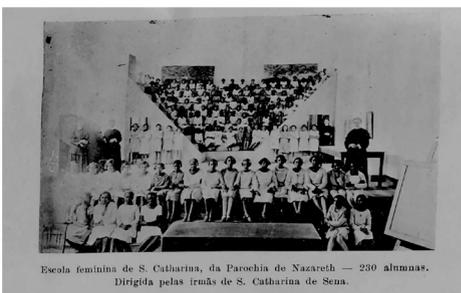
Comunidade do Rio, em 1920, sob o reitorado do padre Emilio Richert



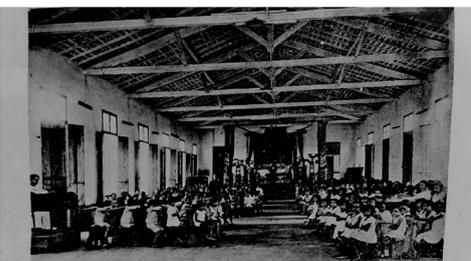
Comunidade de Nazareth, na visita do M. R. P. Geral Fraucalvieri em julho de 1924



Escola Paroquial mista na Pedreira — Paróquia de Nazareth -- 180 alunos



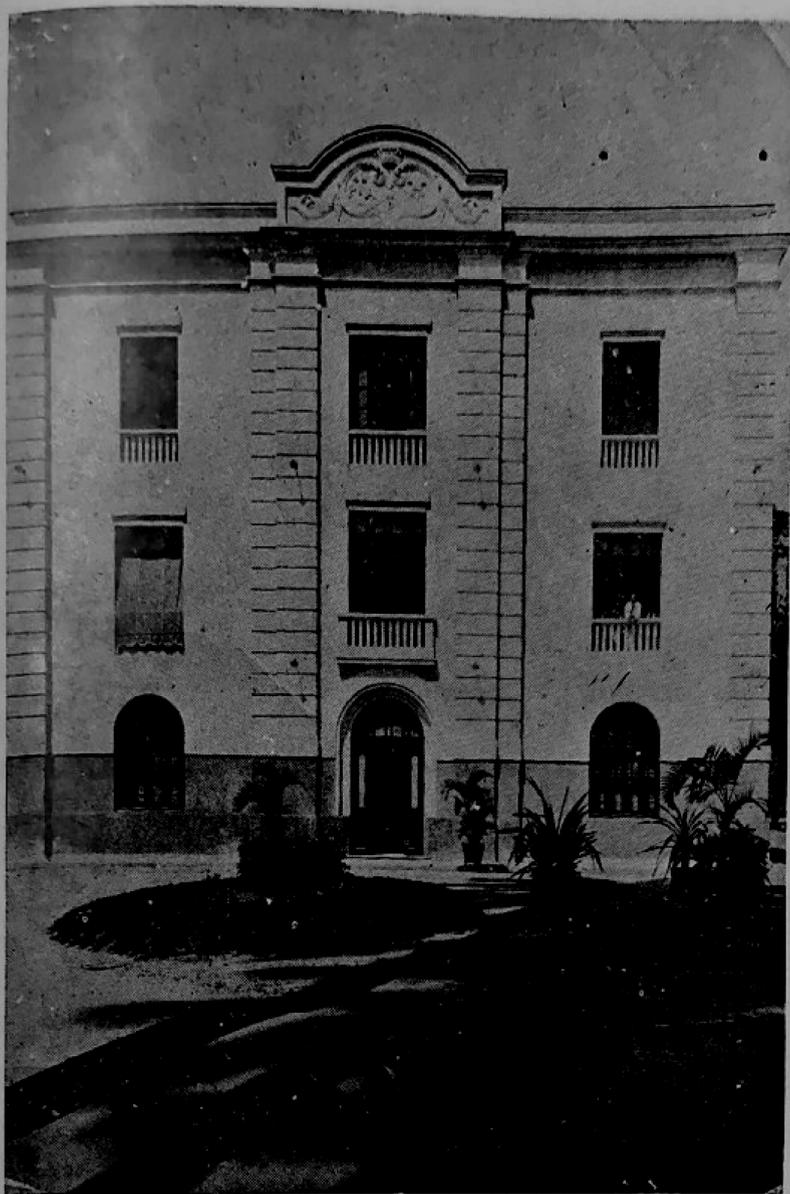
Escola feminina de S. Catharina, da Paróquia de Nazareth — 230 alunas.
Dirigida pelas irmãs de S. Catharina de Sena.



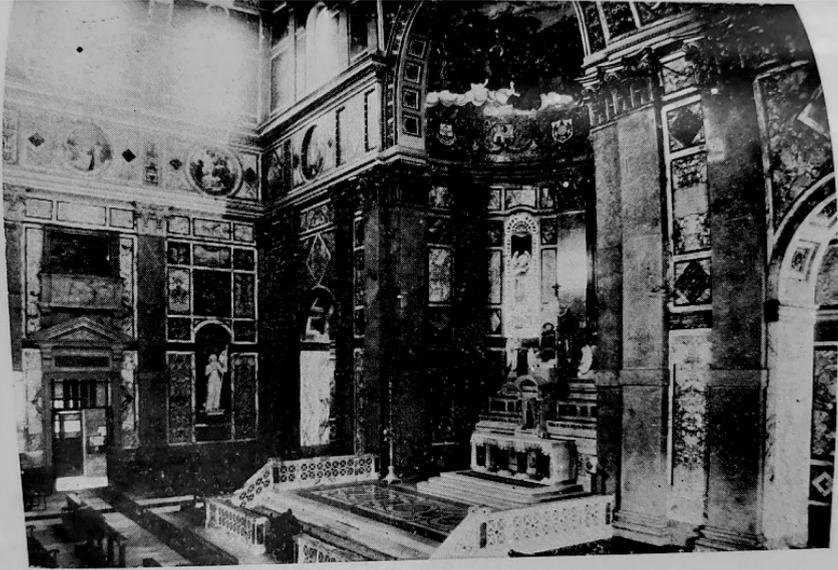
Escola mista de N. S. Providencia, no Bairro da Boa Vista, paróquia de Nazareth, em maio de 1928. — 312 alunos.



Escola mista de S. Miguel, da paróquia de Nazareth — 290 alumnos em maio de 1927.



Fachada do Externato S. Antonio Maria Zaccaria, no Rio.



Transept da Basilica de Nazareth — Lado esquerdo.
Revestimento em marmore.

